

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL E  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA.**

**DROGADIÇÃO: RESPONSABILIDADE DO SER, DO  
SOCIAL OU DA SUBSTÂNCIA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Milene Maria Barbosa de Araujo**

**Passo Fundo, RS, Brasil.**

**2015.**

# **DROGADIÇÃO: RESPONSABILIDADE DO SER, DO SOCIAL OU DA SUBSTÂNCIA.**

**Milene Maria Barbosa de Araujo**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Curso de Pós-Graduação Em Gestão Pública, pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do grau de **Pós- Graduanda em Gestão Pública.**

**Orientador: Prof. Dr. Roberto da Luz Junior**

**Passo Fundo, RS, Brasil.**

**2015.**

Não preciso me drogar para ser um gênio;  
Não preciso ser um gênio para ser humano;  
Mas preciso do seu sorriso para ser feliz.

(Charles Chaplin)

## RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso  
Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública  
Universidade Aberta do Brasil e Universidade Federal de Santa Maria.

### **DROGADIÇÃO: RESPONSABILIDADE DO SER, DO SOCIAL OU DA SUBSTÂNCIA**

Autora: Milene Maria Barbosa de Araujo.

Orientador: Roberto da Luz Junior.

Defesa: janeiro de 2016- Tio Hugo.

Esta pesquisa de caráter qualitativo tem por objetivo desmistificar o usuário de drogas como único responsável pelas questões que o levaram a drogadição. Para tanto foi necessário desvendar o que há por trás do uso de substâncias que causam dependência química, bem como o contexto social que o envolve, finalizando com algumas colocações a respeito da substância em si. Para tanto, foram realizadas pesquisas em materiais científicos, artigos e livros das áreas afins assim como uma entrevista com usuários de drogas. As reflexões e pesquisas apontam a drogadição como forma de sintoma, onde o sujeito em sofrimento se utiliza de substâncias psicoativas para demonstrar que o meio social e familiar em que está inserido não está adequado. Os estudos também indicam que o motivo pelo qual o sujeito torna-se um drogadito, não é intrínseco, mas sim uma construção de seu meio social e da subjetividade, ou seja, da forma como este encara suas vivências, juntamente com a substância escolhida. Em relação às Políticas Públicas, percebe-se que muito se tem feito, contudo não é do conhecimento de todos.

**Palavra chave:** Drogas. Indivíduo. Social.

**ABSTRACT:**

Trabalho de Conclusão de Curso  
Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública  
Universidade Aberta do Brasil e Universidade Federal de Santa Maria.

**DROGADIÇÃO: RESPONSABILIDADE DO SER, DO SOCIAL OU DA  
SUBSTÂNCIA**

Autora: Milene Maria Barbosa de Araujo.  
Orientador: Roberto da Luz Junior.  
Defesa: janeiro de 2016- Tio Hugo.

This qualitative research aims to demystify the drug user as single responsible for whatever led him to the drug addiction, for that, was necessary to unravel what is behind of the use of substances that causes chemical dependency, just as the social context that involves it, ending with some placements one of substance itself. Therefore were performed researches in different sorts of scientific materials, articles and books from the related areas, as well as an interview with drug users. The reflections and researches consider all forms of drug addiction as a symptom, where the subject makes use of psychoactive substances as a way to demonstrate that the social and familiar ambience he is inserted in is not suitable. Studies also indicate that the reason why the subject becomes a drug addicted is not intrinsic, but a product of his social environment and his subjectivity, so, the way he faces his own experiences along with a chosen substance. Regarding to public policy is noticed that much has been done, however is not known of a great number of people.

**Palavra chave:** Drugs. Individual. Social.

## SUMÁRIO.

<b>1.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2.REFERENCIAL TEORICO.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1.Desvendando o contexto social de um drogadito.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2.Conhecendo o Ser que há por trás das drogas.....</b>	<b>11</b>
<b>2.3.“Conhecendo” as drogas e algumas políticas relacionadas a mesma.....</b>	<b>15</b>
<b>3.METODOLOGIA.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1.Delineamentos de Pesquisa .....</b>	<b>18</b>
<b>3.2.Participantes: .....</b>	<b>18</b>
<b>3.3.Instrumentos .....</b>	<b>18</b>
<b>3.4.Procedimentos .....</b>	<b>19</b>
<b>3.5.Análise dos dados.....</b>	<b>19</b>
<b>4.LEVANTAMENTO DE DADOS .....</b>	<b>20</b>
<b>Quadro 1: Dados dos participantes da pesquisa.....</b>	<b>20</b>
<b>Quadro 2: Substância utilizada, tempo e forma de uso.....</b>	<b>21</b>
<b>Quadro 3: Escolha da substancia e o porque da utilização da mesma.....</b>	<b>23</b>
<b>Quadro 4: Utilização de drogas pelos progenitores.....</b>	<b>24</b>
<b>Quadro 5: Contribuição social na construção do sujeito e conhecimentos sobre políticas públicas.....</b>	<b>25</b>
<b>Quadro 6: Questões relacionadas a família.....</b>	<b>27</b>
<b>5.ANÁLISE DOS DADOS. ....</b>	<b>29</b>
<b>Categoria 1: Substância utilizada, tempo e forma de uso.....</b>	<b>29</b>
<b>Categoria 2: Escolha da substância e o porquê da utilização da mesma.....</b>	<b>30</b>
<b>Categoria 3: Utilização de drogas pelos progenitores.....</b>	<b>31</b>
<b>Categoria 4: Contribuição social na construção do sujeito e conhecimento sobre políticas públicas.....</b>	<b>32</b>
<b>Categoria 5: Questões relacionadas à família.....</b>	<b>34</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>7.REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>
<b>APENDICE I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>46</b>
<b>APENDICE II: QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>47</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge em função de reflexões e vivências sobre o modo com que a sociedade e a família veem o usuário de drogas, este sujeito que está em sofrimento psíquico, e como símbolo desse sofrimento, faz uso de substâncias psicoativas. Contudo, a família e a sociedade, para se eximir de suas responsabilidades, culpam o usuário, ou ainda a substância (como se esta por si só fosse capaz de algum dano), o julgam como doente e as vezes até o restringem da liberdade, como se isso fosse resolver todos os problemas.

O sujeito por sua vez passa meses na clínica de recuperação, se tratando, se cuidando e consegue abster-se do uso/ abuso de drogas, porém quando este retorna ao social e a família, estes por sua vez não mudaram permanecem com seus defeitos, deficiências, limitações, o adicto por sua vez por não saber lidar com todas essas situações retorna ao uso dessas substâncias novamente.

Então quem é, ou quem são os responsáveis pelo uso abuso de substâncias psicoativas? Para responder essa questão se faz necessária essa pesquisa, para tanto será analisado o início do uso, quando ocorre, suas vivências familiares, sociais, grupais. Como teve o conhecimento sobre a droga, como consegue e quanto tempo faz uso e se tem noção de o porquê faz uso da mesma. Também será verificada como o indivíduo percebe a função dos pais, e a influência, cuidados e descuidados do meio social.

Esta pesquisa adotou o caráter de pesquisa qualitativa. Segundo Chizzotti (1991) a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva na relação entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável, indivisível entre o mundo do objeto e a subjetividade do sujeito. Essa abordagem ainda, como nos mostra o autor, é utilizada em estudos que possuem intenções de apresentar a complexidade e as contradições das relações interpessoais, institucionais e sociais.

Para tanto, além de referencial teórico e reflexões, foram realizadas entrevistas com pessoas que fazem uso/ abuso de substâncias psicoativas. Alguns questionamentos nesta inter-relação sujeito, substância e social provocam essa pesquisa. Este trabalho é composto pela seguinte estruturação: a presente introdução, o referencial teórico onde serão investigadas as questões relacionadas ao ser, o social e a substância, logo após apresentaremos a metodologia com a estruturação da pesquisa seguida pelos resultados e análise dos resultados obtidos, terminando com a conclusão sobre a temática e a apresentação da bibliografia utilizada para busca destes conhecimentos, seguidos pelos devidos anexos.

## **2.REFERENCIAL TEORICO**

### **2.1.Desvendando o contexto social de um drogadito**

Para dar inicio a essa pesquisa, serão abordadas questões relacionadas ao contexto social, ou seja, a família e os demais espaços ocupados pelo drogadito. Para Silveira e Doering-Silveira (2014) o uso abusivo de substâncias psicoativas são um sintoma que possui sua origem em três dimensões: a substância, cada qual com suas propriedades, o sujeito com suas vivencias e genética, e o social onde ocorre a colisão entre sujeito e substância. Os autores ainda acrescentam que cada sujeito por suas peculiaridades, genética e psique apresentam diferentes comportamentos sob o efeito das substancias psicoativas, e que essas ainda dependerão de como o sujeito se encontra emocionalmente e o que ele espera da substância na hora do consumo, o lugar onde este se encontra também pode influenciar no comportamento após o uso, ou seja, lugar, grupo e situação interferem nos efeitos que a droga produzira no sujeito.

O consumo de álcool e outras drogas estão inseridos no cotidiano de grande parte da população mundial. Tal realidade está associada a uma série de outras situações de risco à saúde e vem sendo observada em diferentes países, em todos os continentes. (PINHO; OLIVEIRA ; ALMEIDA, 2008). Conforme estas autoras, a exclusão e a ausência de políticas específicas que marcaram a saúde pública brasileira demonstram a necessidade de reversão dos modelos assistenciais para contemplar as reais necessidades dos usuários que apresentam transtornos decorrentes do consumo de álcool e outras drogas. O desafio de formular uma política específica de prevenção, tratamento e reabilitação numa lógica que permita a singularidade e a reinserção social dos indivíduos tem sido tema dos diversos estudos nessa área (PINHO; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2008).

Segundo Alves (2009) a amplitude do uso de drogas sufocou as táticas sociais e culturais que regulamentavam o uso de substâncias psicoativas, assim como ações relacionadas à sociedade e seu bem estar, na carência de uma referencia social e cultural que desse um parâmetro atual sobre o uso/abuso dessas substâncias, se faz indispensável à interferência do Estado que acaba por intervir com a formação e pratica de politicas publicas. Ainda de acordo com esta autora diante da problemática das drogas o Estado através de suas politicas assume duas posições, a da proibição, reprimindo o uso e a produção da substância, e a da redução de danos onde espera diminuir os danos causados pela substância na vida do

sujeito, no social e na economia.

De acordo com Mager e Silvestre (2004), a brutalidade social que vigora, evita que muitos de nossos adolescentes tenham acessibilidade a bens públicos (boas escolas, emprego adequado, carteira profissional). Ainda segundo as autoras essas limitações vivenciadas instigariam mais a violência do que o próprio consumo de drogas e este seria apenas uma consequência e não o problema em si. Acrescentam ainda que a drogadição pode vir a instigar a violência, contudo a sua origem decorre da estagnação do Estado e na carência de Políticas Públicas embasadas na ética e na sociedade, além de fazer valer os nossos direitos básicos estabelecidos socialmente.

Para Raupp e Sapiro (2009), o uso/abuso de drogas entre os adolescentes esta relacionado a questões psíquicas próprias da fase, sugerindo que o uso de drogas pode se tornar uma conduta corriqueira principalmente quando se trata de sujeitos expostos a vulnerabilidades sociais, com o contato frequente com vendedores e usuários de drogas, em um ambiente comunitário que não lhe proporcione acesso à cultura, esporte, lazer, artes e musica, ou ainda um ambiente familiar conflitivo e problemático.

Serrat (1984) numa pesquisa realizada em uma cidade do interior de São Paulo encontrou entre os fármacos dependentes um relacionamento familiar mais conflitivo. Kalina e Korin (1976) não encontraram em suas experiências clínicas fármacos dependentes que não tivessem na família ou no seu meio social a sua fonte de inspiração. Conforme os autores encontram-se nessas famílias o uso frequente de drogas toleradas pela sociedade, como o uso de álcool, tabaco ou pílulas. No entanto, Lipp (1986) contesta as razões pessoais ou familiares como fatores para o uso e abuso de drogas, argumentando que centenas de jovens expostos aos mesmos fatores de risco não se tornaram usuários, acredita a autora que existe em certos casos a vulnerabilidade como fator crítico para tornar-se dependente de drogas.

Segundo Baumgarten (2006), se o sujeito que faz uso de substâncias psicoativas for reconhecido como ser social, pode uma vez assim reconhecido agir como tal, contudo devemos respeitá-los e auxiliá-los para que possam crescer e se desenvolver, vencendo os obstáculos que a vida lhe impõe.

De acordo com Piccolo e Leal (2011), para que se possa entender os aspectos sociais e culturais em relação ao uso de drogas pelos adolescentes é preciso um olhar que favoreça o usuário, pois para alguns sujeitos deve ter seu sentido o uso da substância, considerando que o uso dessa é um movimento social, que possui inúmeros significados em variados grupos. Contudo esse sujeito além de fazer parte desses grupos também abrange uma sociedade muito maior desempenhando vários papéis (aluno, professor, pai, filho, empregado, empregador), ou

seja, os sujeitos que fazem uso/abuso de drogas não são uma parcela específica da população com hábitos e modos de vidas similares (Piccolo e Leal-2011). Ainda segundo essas autoras a generalização quanto ao uso de drogas, diz respeito à classe econômica, estilo, movimentos sociais, o tipo de droga consumida, o significado que este uso tem para o sujeito, assim como as vivências percebidas pelo uso dessas substâncias, e que essas vivências estão relacionadas à totalidade, (sujeito, ambiente, substância) envolvida no momento do uso.

Para Cordeiro, et al. (2014) os adolescentes que descendem de famílias com inúmeros conflitos, descobrem na drogadição um jeito de não lembrar de suas desarmonias, sendo os genitores também os responsáveis pela drogadição, e que muitas vezes estes negam ajuda e suporte ao sujeito para enfrentar essa problemática. Já Silva e Matos (2004) acrescentam que a ausência de afetividade e a falta de auxílio da família ou se estes também fazem uso/abuso de drogas, assim como a influência que o grupo exerce sobre o sujeito e se este possui um lar conflitivo ou violento, são descritos como fatos que contribuem para que o sujeito busque o uso de substâncias psicoativas.

## 2.2. Conhecendo o Ser que há por trás das drogas

O presente referencial teórico tem o intuito de desmistificar esse sujeito que há por trás da substância, para tanto foi buscado o ponto de vista de vários autores referente ao assunto para que se possa ampliar os olhares sob o drogadito. Bucher (1992) afirma que desde o início da humanidade em busca de novos conhecimentos, de encanto, do belo e alegria, o homem para modificar sua consciência, recorria às drogas. Toscano e Seibel (2000) afirmam que o uso de drogas na história da humanidade seria como um modo de se viver, pois as pessoas sempre fizeram uso de drogas pelos motivos mais variados. Toscano (2000) acrescenta que as drogas sempre estiveram presentes, na medicina, ciência, magia, religião, cultura.

Segundo Olievenstein (1988, p. 175), a adolescência se institui de "uma fase estrutural específica e característica na vida de um ser humano". Segundo o autor é específico desta fase ocorrer períodos de crise, onde os jovens se manifestam através do seu corpo, de suas vestimentas, de músicas e danças, mas que essa crise na adolescência também pode se manifestar pelo consumo de drogas. Bucher (1992) acrescenta que as drogas sempre foram atrativas para os adolescentes e geralmente são consumidas nesta fase, por suas sensações e promessas de prazer, mas que os riscos agregados a essa experiência podem ser muitos, e disso os adolescentes muitas vezes não tomam conhecimento e nem buscam conhecer, pois querem viver o agora e extraordinário e quanto mais fora do que é socialmente aceito melhor, na visão deles. Ainda segundo este autor o adolescente como sujeito ativo tenta se fazer diferente opondo-se a certas normas da sociedade, por não querer aceitá-las, pois para ele essas normas não tem fundamentos, não lhe agregam, então busca nas drogas formas alternativas de se viver. Olievenstein (1988) acrescenta que o adolescente busca nas drogas uma maneira imaginária de permanecer na pré-adolescência, por não querer mais progredir, mesmo que para isso tenha que abrir mão de sua sexualidade.

De acordo com Baumgarten (2006), a busca de significado para o comportamento aditivo deve deixar de ser uma visão reducionista, ou seja, visão médica, jurídica ou biológica e sim buscar na subjetividade e nas relações pessoais o que pode ter levado o dependente a apresentar esse sintoma, ou seja, a drogadição.

Rêgo (2006) ao relatar o trabalho desenvolvido no Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (Cetad), da faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia argumenta que os profissionais que trabalham nesse centro acreditam que os toxicômanos não são iguais e que cada um tem uma razão para o consumo e também um modo diferente de fazer o uso.

Para Bucher (1992), a família seria o representante da lei fundamentada na sociedade, sendo essa lei um referencial, a função do pai, como autoridade, que é capaz de se impor quando alguma regra é transgredida. O autor relata que, essa lei não tem a ver com o pai propriamente dito, mas sim por uma figura autoritária que convive com a criança (jovem) que pode ser também a mãe. Acrescenta o autor que o importante é ensinar aos jovens, a importância de se ter limites em relação a si mesmo e aos outros, isso faz parte de um “registro simbólico<sup>1</sup>” que orienta as relações humanas, pois a lei segundo o autor produz ações no real que reflete na vida cotidiana, no imaginário e nas fantasias do adolescente. Contudo se essa lei simbólica for internalizada, o adolescente será capaz de viver com seus iguais encontrando modo semelhante (saudáveis) de viver, mas se essa lei não for internalizada as suas transgressões não permanecerão apenas na sua imaginação passando ao ato, aquilo que é proibido nas áreas como sexualidade, delinquência e drogadição (BUCHER, 1992).

Segundo Justino (S/D), devido às transformações no corpo e na psique dos jovens, a adolescência é uma fase onde ocorrem muitos conflitos, os mesmo creem ser onipotentes, capazes de fazerem sozinhos suas escolhas, buscam novas experiências mesmo estando ciente dos seus riscos, pois é também uma fase de curiosidades.

Para Ramires (apud BAUMKARTEN, 2006, p.56) “a toxicomania revela uma personalidade frágil, imatura, regressiva e submetida ao instinto, se trata de indivíduos com imaturidade motivacional, pouca responsabilidade, baixa tolerância à frustração e suscetibilidade de reforçadores em curto prazo.”

Segundo Toscano (2000), nos últimos 200 anos as adições<sup>2</sup> foram conceituadas como doenças ou transtornos, sendo essa uma visão da medicina clínica, da psiquiatria e da saúde pública. Ainda acrescenta esse autor que, com a evolução da ciência nas áreas de adições e com o desenvolvimento da neurobiologia, a percepção de doença sobre a dependência de drogas parece errônea, e o que prevalece seria “o diagnóstico sindrômico<sup>3</sup>”, ou seja, um sintoma.

---

<sup>1</sup>**Registro do simbólico** é o lugar do código fundamental da linguagem. Ele é lei, estrutura regulada sem a qual não haveria cultura. Lacan chama isso de grande Outro. O Outro, grafado em maiúscula, foi adotado para mostrar que a relação entre o sujeito e o grande Outro é diferente da relação com o outro recíproco e simétrico ao eu imaginário. Miller (1987) Miller, J.-A. (1977). *Recorrido de Lacan*. Argentina. (Editado pelo Tercer Encuentro del Campo Freudiano) [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000070&pid=S0103-6564199900020000600006&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000070&pid=S0103-6564199900020000600006&lng=en)

<sup>2</sup>**Adições:** Consumo excessivo e insistente de drogas, alucinógenos ou substâncias de efeito psíquico; tendência a possuir ou desenvolver hábitos compulsivos. <http://www.dicio.com.br/adicao/> acesso em 18/11/2015.

<sup>3</sup>**Diagnóstico sindrômico:** É a expressão usada para quando se identifica uma síndrome. O máximo que se pode identificar nosograficamente, no Campo Psi, de um transtorno psíquico é qualificando-o por um diagnóstico sindrômico, pois, em última instância, não se conhece, até o momento, a natureza da Relação Cérebro-Mente. Portanto, é apenas um diagnóstico

As drogas não são medicamentos que surtem efeitos patológicos no psíquico do sujeito que possamos observar de fora, o toxicômano é um sujeito que também tem a sua história, tem vontades conscientes e inconscientes, tem o investimento pulsional próprio, a droga então se caracteriza por ser um “objeto maravilha” com inúmeros sentidos, ela proporciona prazer, muitas potencialidades imaginárias e faz o usuário buscar novos caminhos, segundo Bucher (1992). Ainda segundo esse autor o usuário seria um sujeito ativo, mas não seria propriamente portador de uma personalidade doentia, mas alguém como todo mundo, que faz uso de símbolos para comunicar que algo não está bem com ele mesmo, e com o seu ambiente (lugar, recinto).

Salazar (apud BAUMKARTEN, 2006, p.58) “propõe que se abandonem as visões estereotipadas das drogas: a moralista, que percebe o consumidor como vicioso; a repressiva, que o vê como delinquente; e a médica que o percebe como um doente. E propõe uma ótica sociocultural, que o foco se desloque do indivíduo para o social.

Pratta e Santos (2009) encaram a drogadição como um processo de saúde/doença onde afirmam que na atualidade devemos mudar o tratamento com dependentes químicos, deixar de lado a visão que tínhamos sobre causa e efeito e assumir que hoje a drogadição em nossa sociedade precisa da intervenção de vários profissionais, para que possamos diminuir as desigualdades com que os usuários de drogas são tratados. Os mesmos autores também sugerem que os profissionais que trabalham com a drogadição se atualizem e vejam o drogadito como um ser ativo socialmente, dotado de sabedoria e anseios, mas que agora está em um processo de reorganização.

Bucher (1992) afirma que mesmo no caso de sujeito envolvido com substâncias psicoativas há muito tempo, dominado pela busca incessante dessa substância, já desintegrado como ser social, no âmbito familiar e como sujeito, através da psicoterapia será possível revelar a sua busca inquietante por outras opções de vida. Segundo esse autor os conflitos resultantes da imposição da lei deixam explícitos a sua necessidade de encontrá-la, mas nesse encontro com a lei sua tendência é partir para agressão e provocação, pois somente dessa forma consegue se auto-afirmar, contudo dessa forma também se aniquila.

Olievenstein (1988) afirma que o uso de drogas trata-se de um sintoma, sendo esta a forma que o sujeito encontra para se comunicar com o mundo, e o terapeuta por sua vez deve encontrar e fazer com que o sujeito também encontre o significado desse sintoma, e se assim desejar, pode continuar a fazer uso de drogas, mas ciente do motivo que o leva a drogar-se.

Ainda continua o autor, que a internação deve ser sempre evitada, seria indicado apenas para os casos mais críticos onde o sujeito precisa se privar de si mesmo e do social. Bucher (1992) acrescenta que a drogadição caracteriza-se por ser consequência de vários fatores, e para abranger esses fatores precisa-se um enfoque multidisciplinar, tanto no âmbito terapêutico como na prevenção. O autor continua dizendo que apenas um olhar sobre o caso, o condena a falha, porque se restringe a poucos pré-supostos teóricos enfatizando uma visão dicotomizada do sujeito, transformando-o no termo citado pelo autor como "problema das drogas".

Velho (1997) afirma que o conceito sobre drogado pelo olhar da medicina é de um doente, e que partindo deste ponto de vista, o social constrói ditos a respeito de comorbidades relacionadas ao consumo de substâncias psicoativas, e também a respeito dos malefícios que a regularidade do uso dessas substâncias causaria no sujeito e no social. O autor também acrescenta que o uso de substâncias psicoativas muitas vezes é associado a dificuldades psicológicas, físicas e mentais, ou seja, é colocado em jogo a moral do drogadito e todas as suas ações, seja no trabalho, na família ou no social, é uma rotulação que se explica por si só, desde um mau desempenho escolar até o envolvimento em uma paralização.

### 2.3.“Conhecendo” as drogas e algumas políticas relacionadas a mesma

Na presente sessão serão abordadas questões relacionadas à substância, seus efeitos, tipos de uso, e ao final será citada algumas políticas públicas que abordam essas questões. Bucher (1992) afirma que a toxicomania pode ter feições patológicas no psíquico do sujeito, mas não o consumo de drogas em si, mas o tipo de uso que esse sujeito faz das drogas, porém isso não é tudo na toxicomania, se a consideramos como patológico, desconsideraremos o porquê a toxicomania existe como surgiu como se dissemina entre as pessoas em decorrência das transformações sociais e culturais.

Nowlis (1987) assinala que as drogas possuem uma variedade de efeitos no sujeito, e que esses efeitos se diferenciam pela quantidade de uso, de sujeito para sujeito, da ocasião em que o indivíduo se encontra. Baumkarten(2006) acrescenta que os efeitos das drogas vão depender da relação entre sujeito e substância, além dessa relação devemos considerar as questões físicas, bioquímicas, psicológicas e sociais, pois assim como a complexidade de cada ser os efeitos das substâncias também são abstrusos e variantes.

De acordo com Silveira e Doering-Silveira (2014), a seguir tem-se um breve conhecimento sobre algumas substâncias e consequências mais comuns relacionadas ao uso das mesmas:

- Álcool: Provoca entusiasmo, redução das tensões, perda da timidez. Com o aumento do consumo o sujeito torna-se mais devagar, com dificuldades de equilibrar-se, perda da coordenação motora e sono. Seu uso excessivo pode acarretar em intoxicação, danos nos órgãos digestores, demência. A abstinência ocorre com a diminuição ou interrupção do uso, apresentada em forma de tremor, coração acelerado e excesso de suor chegando a quadros mais graves.
- Solventes:(lança perfume, cola, acetona) Provocam entusiasmo acompanhado por sono e alteração das percepções, pode provocar irritação nos olhos devido a luz, tosse, coriza, náusea, vômito. Quando o sujeito cessa o uso não apresenta sintomas relevantes, e o uso geralmente é ocasional.
- Canabinoides(maconha, haxixe) Provoca euforia seguida de descanso, perde a noção de tempo e de espaço, fala demais, fome excessiva, delírios visuais, olhos vermelhos e pupilas dilatadas. Pode ocasionar falta de orientação, diminuição da força e do equilíbrio, boca seca, deficiências cognitivas, bronquite (se for fumado). Quadros clínicos sérios devido a seu uso são raros, o uso em excesso pode causar a diminuição da quantidade de esperma, da próstata e dos testículos ainda bloqueio da ovulação. Se

o uso for interrompido pode ocasionar cansaço, falta de sono, fome e irritação, mas por pouco tempo.

- Cocaína (cocaína, crack) Provoca inquietação, entusiasmo, sensação de descanso, perda do sono, da fome, fala excessiva, irritação, aceleração do coração, pupilas dilatadas, excesso de suor. Pode ocasionar crise de pânico, convulsões, febre. Sujeitos que consomem mais, tem a tolerância maior, sendo assim, a quantidade letífica varia de sujeito para sujeito, se o uso for feito por seringas a pessoa pode se contaminar com tétano, HIV e outros, se for inalado pode comprometer o septo nasal, também pode causar aborto em caso de gravidez. Ao se abster dessas substância podem ocorrer episódios depressivos e vontade excessiva de usar a substância.
- Anfetaminas e substâncias similares: Suas implicações se assemelham a da cocaína, o uso abusivo pode ocasionar danos nos vasos cerebrais, no coração e no aparelho digestivo. Com o uso dessas substâncias pode ocorrer perda de peso e aborto em caso de gravidez, se o sujeito parar de usar a substância pode ficar irritado, com muito sono e cansado.
- Alucinógenos (LSD, cogumelos, mescalina): Os efeitos são parecidos com o da *Cannabis*, porem ocorre principalmente intensas alucinações e às vezes delírios. No sujeito que fizer uso dessas substância pode ocorrer perda de contato com o real, perda de identidade, devaneios e engano dos sentidos, pode ocorrer também os “flashback” que podem durar de minutos a horas onde o sujeito ainda tem sensações de entusiasmo e perda da realidade, com devaneios e perda dos sentidos isso pode ocorrer por dias ou semanas após o uso (SILVEIRA; DOERING-SILVEIRA, 2014).

Duarte e Morihisa (2013) abordam as diferenciações em relação ao uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas, significando:

- Uso: Ocorre quando o sujeito consegue controlar toda e qualquer quantidade de droga que ira consumir.
- Abuso: Ocorre quando o uso de drogas se torna corriqueiro, e devido a isso acaba afetando as questões sociais do sujeito (escola, família, trabalho).
- Dependência: Ocorre quando o sujeito não se adapta ao consumo, causando limitações e angústias neste e se manifesta através do uso de maiores quantidades da substância, diminuição do efeito da mesma, usando a mesma quantidade, apresentação de um conjunto de sintomas ao abster-se da substância, o sujeito tende a fazer uso da substância em doses maiores e com mais frequência (DUARTE;

MORIHISA, 2013).

Maximiliano e Paiva (2014) afirmam que as constatações internacionais hoje consideram que, o uso contínuo de drogas é um acontecimento complicado que abrange a família, o social, o sujeito e a cultura, acrescenta que se formos intervir nesta questão deve-se ter como prioridade a saúde pública, aumentando o oferecimento de serviços que venham a cuidar desse sujeito que se encontra em sofrimento pelo uso demasiado dessas substâncias psicoativas, sejam elas ilícitas ou lícitas, assim como tentar reprimir os maiores produtores dessas substâncias que estruturam financeiramente o tráfico de drogas. Ainda segundos esses autores o Brasil consentiu em 2005 uma nova Política Nacional sobre Drogas, onde foram esclarecidos os princípios, a finalidade, as metas a serem atingidos, para que o oferecimento da substância e a busca da mesma sejam feitas de forma clara e delineada, partindo da possibilidade que as políticas nacionais e as políticas públicas busquem se integrar compartilhando as ações, contando ainda com os estados e municípios para que as concretizem em conjunto, contando com o apoio da ciência e do social, ou seja, a responsabilização é de todos.

Andrade (2011) discorrendo sobre as políticas públicas relacionadas à drogadição cita, a Secretaria Nacional de Política Sobre Drogas - SENAD/Ministério da Justiça e a Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas que adotam função acentuada para as políticas públicas ligadas a drogadição. O autor acrescenta que um dos trabalhos desenvolvidos pelo SENAD é a criação da Rede de Pesquisa sobre Drogas, em companhia com o Instituto de Drogas e Toxidependência e também realinhar as Políticas Nacionais Antidrogas, outro projeto que foi desenvolvido foi o do programa SUPERA (Sistema para Detecção do Uso Abusivo e Dependência de Substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção Breve, Reinserção Social e Acompanhamento) um curso a distancia que esta na quarta edição e conta hoje com mais 5.000 participantes que atuam na área da saúde e do social, em relação à Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas um dos projetos desenvolvidos foi o aumento da rede dos Centros de Atenção Psicossocial em álcool e outras Drogas (CAPS ad) que desde 2002 oferece cuidados a sujeitos que fazem uso/abuso de substancias psicoativas, contudo no ano de 2010 contava com 258 Centros, embora seja uma quantia considerável, ainda necessitaríamos de muitas mais.

### **3.METODOLOGIA**

#### **3.1.Delineamentos de Pesquisa**

A presente pesquisa tem enfoque qualitativo e segundo Chizzotti (1991) a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva na relação entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável, indivisível entre o mundo do objeto e a subjetividade do sujeito. Essa abordagem ainda, como nos mostra o autor, é utilizada em estudos que possuem intenções de apresentar a complexidade e as contradições das relações interpessoais, institucionais e sociais. Por ser uma pesquisa de cunho qualitativo, não está baseada em critérios numéricos e dessa forma, contempla apenas o reconhecimento de respostas obtidas com os sujeitos da pesquisa.

#### **3.2.Participantes:**

Participaram desta pesquisa quatro pessoas que atualmente fazem uso de substâncias psicoativas em uma cidade da região norte do Estado do Rio Grande do Sul, os sujeitos possuem idade entre 30 e 35 anos de ambos os sexos. Foram convidados a participar da pesquisa sujeitos que hoje fazem acompanhamento psicoterápico comigo atualmente, após aceitar o convite foi apresentado os objetivos da pesquisa e a garantia oferecida pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I) e os mesmo aceitaram participar da presente pesquisa.

#### **3.3.Instrumentos**

O instrumento desta pesquisa foi uma entrevista qualitativa semi-estruturada (Apêndice II) como técnica de coleta de dados. Segundo Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do pesquisador, possibilita liberdade e espontaneidade para o entrevistado. Ainda neste tipo de entrevista possibilita-se obter dados tanto de forma ampla como de forma específica dependendo da necessidade e objetivos da pesquisa.

Trata-se de uma técnica utilizada por psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos, não apenas para a coleta de dados, mas também para fins de diagnóstico e orientação. Da entrevista qualitativa decorre, igualmente, a natureza predominante dos dados qualitativos: “descrições literais detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos observados; [...] do que as pessoas falam sobre suas experiências, atitudes, crenças e pensamentos; trechos ou íntegras de documentos, correspondências, atas ou relatórios de casos”. (PATTON apud ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 132).

### **3.4.Procedimentos**

Buscou-se a participação nesta pesquisa de sujeitos que fazem uso de substâncias psicoativas. Ocorreu a exposição de objetivos da pesquisa e a aceitação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apendice I). Após a aceitação foram marcadas as entrevistas com os sujeitos em meu Consultório Psicológico Particular em horários que ficassem de acordo com a disponibilidade de cada sujeito. As entrevistas tiveram uma duração média de trinta minutos foram gravadas e posteriormente transcritas e apagadas após análise.

### **3.5.Análise dos dados.**

As respostas obtidas nas entrevistas semi-estruturadas foram transcritas fielmente, com todos os elementos abordados. As falas foram reunidas em temas, para que se denomina Análise Temática (BAUER; GASKEL, 2002, p.107). Primeiramente foram criadas categorias a partir das questões da entrevista, o produto final foi constituído pelo conjunto de questões extraídos das falas dos participantes, pela análise crítica dos relatos a partir do referencial teórico. Os participantes da pesquisa foram identificados somente através do código de Sujeito 1, Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 4, mantendo assim as suas identidades preservadas.

#### 4. LEVANTAMENTO DE DADOS

No quadro abaixo se apresenta os participantes desta pesquisa, com informações sobre a formação, profissão, idade e sexo.

**Quadro 1: Dados dos participantes da pesquisa**

<b>Participantes</b>	<b>Formação</b>	<b>Profissão</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>
<b>Sujeito 1</b>	<b>Ensino Médio</b>	<b>Mecânico</b>	<b>34 anos</b>	<b>Masculino</b>
<b>Sujeito 2</b>	<b>Superior Completo</b>	<b>Desempregado</b>	<b>30 anos</b>	<b>Masculino</b>
<b>Sujeito 3</b>	<b>Superior Completo</b>	<b>Professora</b>	<b>33 anos</b>	<b>Feminino</b>
<b>Sujeito 4</b>	<b>Superior Completo</b>	<b>Autônomo</b>	<b>30 anos</b>	<b>Masculino</b>

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2015

A partir da entrevista semi-estruturada, a seguir será apresentado os dados mais significativos coletados na pesquisa. Os resultados serão apresentados em quadros para que sejam melhores visualizados, apresentando os participantes e a falas dos mesmos para uma adequada interpretação.

A seguir será apresentado o quadro contendo informações dos próprios participantes da pesquisa em relação à tipo de droga que faz uso, há quanto tempo faz uso dessas, como consegue a mesma e quantidade que consome dessas substâncias diariamente para que possa analisar em que etapa o entrevistado esta em relação ao uso, abuso e dependente dessas substâncias.

**Quadro 2: Substância utilizada, tempo e forma de uso**

<b>Participantes</b>	<b>Substância utilizada, tempo e forma de uso.</b>
<b>Sujeito 1</b>	<p>“Eu bebo desde os 13, 14 anos, comecei a fumar cigarro mais tarde e maconha uso há uns 14 anos, também bebia e fumava cigarro, mas agora estou bebendo esporadicamente e faz duas semanas que não fumo cigarro.”</p> <p>“Para conseguir a maconha vou à boca de fumo, tem uma um pouco mais perto de casa e uma um pouco mais longe, às vezes parceiros pegam para mim, se eles não pegarem eu pego... vou lá em torno de duas a três vezes por mês.”</p> <p>“Eu fumo em media dois cigarros de maconha por dia, dependendo da companhia e do momento fumo bem mais, e quanto ao cigarro e a bebida, estou tentando parar a duas semanas, estou me esforçando”</p>
<b>Sujeito 2</b>	<p>“Eu comecei a beber tinha uns 14 anos e um tempo depois acho que um ano ou dois comecei a fumar cigarro e maconha há uns 12 anos, também já usei, o pó, mas ultima vez que usei faz mais de um ano, e nunca gostei muito, gosto mesmo é de maconha.”</p> <p>“Pra conseguir o fumo (maconha) eu mesmo vou lá na boca de fumo pegar, vou lá umas quatro vezes por mês, depende de quanto eu fumar e da qualidade do fumo que as vezes é ruim dai a gente fuma mais”</p> <p>“Fumo uns cinco cigarros médios de maconha por dia em media, se tiver mais gente eu fumo mais, às vezes uns 10 cigarros de maconha”.</p>

<p><b>Sujeito 3</b></p>	<p>“Eu uso cigarro há muitos anos, comei a fumar com 14 anos e bebo também, mas beber eu comecei mais cedo, tinha uns 12 anos talvez, e a uns 5 anos comecei a usar maconha, e também já tomei doce (LSD), mas foram só duas vezes”.</p> <p>“Tem um amigo que sempre pega para mim, não gosto de ir nesses locais, tenho medo de encontrar alguém que eu conheça”.</p> <p>“De maconha eu fumo meio cigarro por dia, há noite depois do trabalho, só para relaxar, e nos finais de semana fumo um pouco mais pela parceria e tal”</p>
<p><b>Sujeito 4</b></p>	<p>“Eu comecei a beber cedo, tinha uns 14 anos, mas sempre moderado, e logo depois comei a fumar cigarro... fumo maconha há 16 anos ... já experimentei cocaína, LSD, mas faz tempo que não uso essas drogas”</p> <p>“Para conseguir o fumo (maconha) geralmente é por intermédio de amigos, mas quando ninguém pega para mim eu mesmo vou buscar”</p> <p>“As vezes eu fumo uns dois cigarros de maconha por dia mas geralmente é só um por dia mesmo, e nos finais de semana acabo fumando mais”</p>

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora, em 2015

No próximo quadro podemos conhecer através de relatos dos participantes da pesquisa um pouco mais sobre a escolha da substância e a visão do mesmo sobre o porque faz utilização dessa droga.

**Quadro 3: Escolha da substancia e o porque da utilização da mesma**

<b>Participantes</b>	<b>Escolha da substancia e o porquê da utilização da mesma.</b>
<b>Sujeito 1</b>	“Na época eu tinha terminado com uma namoradinha e estava desiludido, e uns amigos que usavam maconha há mais tempo me ofereceram e eu usei para tentar esquecer o meu sofrimento... hoje eu uso porque eu gosto me relaxa e acho que talvez pela dependência.”
<b>Sujeito 2</b>	“Eu comecei a usar maconha por que meus amigos me ofereceram, e porque gosto de fazer experimentações de coisas diferentes, me falaram que era bom, dai eu provei e gostei.”
<b>Sujeito 3</b>	“Eu tinha medo de experimentar essas drogas ilícitas, mas dai um amigo meu me ofereceu, me disse que era bom, e vários amigos meus usavam, eu já não era mais adolescente, resolvi provar, ele me disse que era bom, que era melhor do que beber, e realmente, quando comecei a usar maconha bebi muito menos, comei a usar por influencia dos amigos, curiosidade, para poder transgredir alguma regra social talvez, mas gostei das sensações, pelas trocas com os amigos, é uma droga social e continuei usando por escolha própria, e claro pela dependência.”
<b>Sujeito 4</b>	“A maconha fui escolhida porque foi à primeira droga ilícita que eu tive acesso, acho que talvez comecei o uso por motivo de revolta pois meu pai tinha falido financeiramente, e o ano anterior tinha sido muito difícil, depois que comei a usar e me identifiquei muito com o uso, pois depois de alguns anos provei a cocaína e não gostei do efeito dela, o efeito da maconha de relaxar, permitir outras formas de pensar, é uma droga mais reflexiva... hoje eu utilizo pela dependência física e psíquica de ter o horário de fumar e também por gostar do efeito e do movimento que ela da”.

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2015

No próximo quadro serão apresentados dados relacionados à utilização de drogas lícitas ou ilícitas, incluindo o uso/ abuso de medicamentos psiquiátricos pelos pais dos sujeitos da pesquisa.

#### Quadro 4: Utilização de drogas pelos progenitores

Participantes	Utilização de drogas pelos progenitores.
<b>Sujeito 1</b>	“Meus pais sempre beberam, mas não sei se usaram mais algum tipo de drogas... os dois tomam remédios tarja preta... eles não fazem acompanhamento com o psiquiatra, mas acho que eles vão lá as vezes para pegar as receitas”
<b>Sujeito 2</b>	“Meu pai era alcoólatra desde sempre eu acho, ele diz que começou a beber no quartel e também tomava um monte de remédio quando fazia tratamento para o alcoolismo... minha mãe toma uma cervejinha às vezes.”
<b>Sujeito 3</b>	“Meu pai era alcoólatra, mas logo depois que nasci ele parou de beber um pouco, pelo menos quando estava com a família, mas na minha casa todos bebem meus pais, meus irmãos e todos fumaram cigarro, meus pais e alguns dos meus irmãos não fumam mais, mas bebem ainda, socialmente.”
<b>Sujeito 4</b>	“Meu pai bebia todos os dias, mas não chegava a ficar embriagado, minha mãe também bebia, e os dois fumavam.”

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2015

No próximo quadro contaremos com os relatos dos participantes quanto à questão relacionadas ao social e comunitário quanto ao investimento em esporte, lazer, musica artes para construção de sua subjetividade e também sobre o conhecimento de políticas públicas relacionadas ao uso/abuso de drogas.

**Quadro 5: Contribuição social na construção do sujeito e conhecimentos sobre políticas públicas**

<b>Participantes</b>	<b>Contribuição social na construção do sujeito e conhecimento sobre políticas públicas.</b>
<b>Sujeito 1</b>	<p>“Não lembro de ter ofertar de esporte, lazer e cultura quando eu era mais novo, tinha um Sesc próximo a minha casa, mas não ofereciam essas coisas se quisesse fazer alguma coisa precisa pagar.”</p> <p>“Não tenho conhecimento a respeito de políticas públicas relacionadas a drogas.”</p>
<b>Sujeito 2</b>	<p>“Quando eu era menor, sempre fiz esporte, nadei, andei de bicicleta, mas essas coisas eram todas pagas, se minha família não tivesse condições de pagar eu não teria feito nada disso, meus colegas não faziam, acho que não tinha nada que fosse de graça para quem não tinha condições.”</p> <p>“Não tenho conhecimento sobre essas políticas públicas.”</p>
<b>Sujeito 3</b>	<p>“No local onde eu morava não era proporcionada nada relacionado a artes, musicas, esporte ou cultura fornecido pelo estado ou município, se tinha também não era divulgado, o acesso a informação era escasso, acho que se eu tivesse essas oportunidades minhas vivencias enquanto ser social seriam mais ricas, gosto de musica e artes mas sei fazer nada relacionado a isso, nunca tive oportunidade de aprender e minha família era muito pobre não tinha condições de pagar essas coisas”.</p>

	<p>“Tenho conhecimento sobre algumas políticas relacionadas a drogas, mas não sei se funcionam muito bem, sei que o SUS precisa atender os dependentes que chegam lá e dar o suporte inicial, mas sei que quando chega alguém lá que está embriagado ou sob o efeito de outras drogas, eles nem querem cuidar, como se isso fosse uma escolha da pessoa estar naquelas condições, sei que existem políticas, mas sinceramente não creio que dão o suporte devido”.</p>
<p><b>Sujeito 4</b></p>	<p>“Enquanto a esporte e lazer, tínhamos o título de um clube e eu fazia esportes, mas na escola não tinha nada diferenciado que me ofereciam, nem no bairro e nem na cidade, era só o clube, não tive nem um incentivo a cultura, nem vindo da escola e nem da sociedade ou da família”</p> <p>“Tenho sim conhecimento sobre políticas públicas relacionadas a drogas, sei que tem o disk pare de fumar, mas acho que não funcionam pois é uma máquina que fica falando com a gente, sei que tem o Caps AD, mas sei que só recebem dependentes químicos de drogas mais pesadas, sei que as universidades oferecem atendimentos relacionadas a isso, mas sempre em um campo restrito do social e sem divulgação, não há campanhas que abrangem o todo ou a prevenção, e não época que comecei a usar não tinha conhecimento de nada”</p>

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora 2015

A seguir será exposta em forma de quadro questões relacionadas à família, a primeira sociedade da qual se faz parte, para tanto foram investigadas questões sobre o relacionamento dos pais quando o sujeito iniciou o uso de substâncias psicoativas, os papéis desempenhados pelos mesmos e questões relacionadas a regras. Para isso contaremos novamente com relatos obtidos com esses sujeitos entrevistados.

**Quadro 6: Questões relacionadas a família.**

<b>Participantes</b>	<b>Questões relacionadas à família.</b>
<b>Sujeito 1</b>	<p>“A relação dos meus pais era boa, acho que era normal, eles não brigavam, mas também não se davam carinho, essas coisas de se beijar e de abraçar, acho que isso vem da criação do meu pai ele nunca foi assim, a mãe sempre cuidava das coisas em casa e ele das coisas fora de casa, era o provedor da família.”</p> <p>“Minha mãe sempre foi cuidadosa e carinhosa, eu tinha uma irmã com algumas limitações e eu sempre me esforcei muito para ser bom nas coisas que eu fazia, e eu não entendia por que a minha mãe dava mais atenção para ela, isso me revoltava, mas hoje eu entendo, não é que ela gostasse mais dela ela apenas precisava de mais auxílio... meu pai nunca foi de dar carinho e atenção, minha família é matriarcal, quem mandava em casa era minha mãe, mas acho que meu pai sempre se preocupou do jeito dele, levando o sustento para família... mas hoje ele está muito individualista, pensando no bem dele, nas coisas dele e não do casal.”</p> <p>“Não tinha regras em casa, não lembro o que acontecia se eu quebrasse alguma regra”</p>
<b>Sujeito 2</b>	<p>“Meus pais sempre brigaram muito, meu pai vivia ameaçando a minha mãe, colocando arma na cara dela, ele sempre bebeu muito”</p> <p>“Meu pai sempre me deu muito medo, sempre tive medo dele, até hoje sei lá o que ele podia fazer, minha mãe também tinha medo dele... nunca entendi como ela aceitava ficar naquela situação, com o cara bebendo e ameaçando ela o tempo todo... minha mãe sempre foi mais carinhosa e afetuosa mas sempre submissa a ele”</p> <p>“Não tinha regras dentro de casa, sempre fiz o que eu quis, e sempre tive tudo o que eu queria”.</p>

<p><b>Sujeito 3</b></p>	<p>A relação dos meus pais às vezes era boa, meu pai viajava, passava muito tempo fora e não mandava notícias, muito e quando ele voltava fazia exigências absurdas e não trazia dinheiro e isso gerava sempre muitas brigas em casa, era muito ruim quando ele vinha e começavam as brigas até que eles se separaram.”</p> <p>“Minha mãe sempre trabalhou muito, todos os filhos começaram trabalhar muito cedo para ajudar ela, era extremamente exigente e autoritária, mas era afetuosa, carinhosa, gostava muito de conversar do jeito simples e humilde dela, era otimista, e também submissa, ficou presa em uma relação que não trazia felicidade por muito tempo por insegurança de cuidar dos filhos sozinha, coisa que sempre fez. Meu pais sempre foi ausente, não consigo me recordar muita coisa dele, as vezes ele era querido”</p> <p>“As regras sempre precisavam ser seguidas, se não fossem seguidas a gente apanhava, todos apanharam muito.”</p>
<p><b>Sujeito 4</b></p>	<p>“A relação dos meus pais era bom, com carinho demonstração de afeto mas percebia-se que o pai sai sozinho sem a mãe as vezes, não avia grandes discussões e nem grandes brigas”</p> <p>“A mãe sempre foi mais carinhosa, mais afetuosa, mas me cobrava responsabilidades em casa, na escola, e eu trabalhava fora de casa... o pai era mais duro nas cobranças era mais exigente, e me cobrava muito pelas minhas escolhas, religião, amigos, musicas, estilo pessoal era o oposto daquilo que eles almejavam para mim”</p> <p>“Quanto alguma ordem era quebrada recebia punições e sempre precisava ser cumprido, as vezes não acontecia nada.”</p>

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora 2015

## 5. ANÁLISE DOS DADOS.

### **Categoria 1: Substância utilizada, tempo e forma de uso**

Em relação a drogas lícitas e ilícitas utilizadas pelos entrevistados desta pesquisa foi constatado que todos fazem uso de maconha, bebida alcoólica, e cigarro, apenas o Sujeito 1 afirma estar tentando parar de fazer uso de bebidas alcólicas e cigarros, conforme relata “...*Quanto ao cigarro e a bebida estou tentando parar a duas semanas, estou me esforçando*”.

Em relação ao uso de maconha podemos afirmar que todos os participantes da pesquisa são dependentes da mesma, pois segundo Golduróz (2011) quando a pessoa perde a liberdade de escolher entre fazer ou não o uso de substâncias psicoativas, se sentindo obrigada a fazer uso da mesma sem conter-se em relação à quantidade usada em cada momento é caracterizado como dependente. Como descritos nestes relatos “*Eu fumo em media dois cigarros de maconha por dia, dependendo da companhia e do momento fumo bem mais...*” (Sujeito 1). O Sujeito dois também contribui “*Fumo uns cinco cigarros médios de maconha por dia... se tiver mais gente eu fumo mais, às vezes uns 10 cigarros de maconha no dia...*”.

Nowlis (1987) acrescenta que a dependência acontece quando a pessoa faz uso diário da droga, e em algumas ocasiões ou dias faz uso de quantidades muito maiores. Contudo os Sujeito 3 e 4 afirmaram fazer uso de quantidades menores de maconha, porem o uso também é diário e há aumento da quantidade de uso nos finais de semana: “*De maconha eu fumo meio cigarro por dia... nos finais de semana fumo um pouco mais...*” (Sujeito 3) e “*As vezes eu fumo uns dois cigarros de maconha por dia mas geralmente é só um por dia mesmo, e nos finais de semana acabo fumando mais*” (Sujeito 4).

Quanto ao tempo que cada um esta utilizando essa substância o Sujeito 2 afirma que começou a usar maconha aos 14 anos, fazem 16 anos que ele consome essa substância, assim como o Sujeito 4, porem o Sujeito 4 deu inicio ao uso aos 16 anos. Como relatado do Sujeito 2; “*maconha há uns 12 anos, também já usei o pó, mas ultima vez que usei faz mais de um ano, e nunca gostei muito, gosto mesmo é de maconha.*”. O Sujeito 4 também compartilha sua vivencia: “*Eu fumo maconha há 16 anos.*” Já o Sujeito 1 afirma que iniciou o uso de drogas ilícitas aos 18 anos, ou seja, mas tardiamente como relata: “*... maconha uso a uns 14 anos...*”. Assim como o Sujeito 3 que passa a fazer uso da mesma aos 28 anos: “*... a uns 5 anos comecei a usar maconha, e também já tomei doce (LSD), mas foram só duas vezes*”.

De acordo com Jungerman, et al (2005) os malefícios decorrentes do uso de maconha são maiores aqueles sujeito que começam a usa-las mais cedo em sua vida e em sujeitos que

fazem uso da mesma a muito tempo. Continua o autor dizendo que apesar das mudanças cerebrais ocasionadas pela maconha serem pequenas comparadas a outras substâncias essas existem e devem ser relevadas.

Correspondente a busca pela maconha o Sujeito 1 e 2 afirmam que para conseguir o produto ambos frequentam a “boca de fumo” ou seja o local onde o traficante vende a droga, porem os sujeitos 3 e 4 afirmam que conseguem a droga por meio de intermediários, sem necessitarem ir até a residência do traficante. Para finalizar contereamos com a contribuição de Bolognini, et al (Apud Wagner e Oliveira 2007) que relaciona a busca de poder e de autocontrole assim como o ato de querer ser diferente de seus pais, como algumas das coisas que instigam os adolescentes a optarem pelo uso de drogas, segundo o autor é comum que esse uso se inicie pelo cigarro, álcool e maconha e que o uso destes podem ocasionar no uso de outras drogas ilícitas.

### **Categoria 2: Escolha da substância e o porquê da utilização da mesma**

Nesta categoria os pesquisados foram questionados em relação à escolha pela substância psicoativa que faz uso atualmente e porque o mesmo faz uso de tal substância.

Para Paiva (1988) existem muitos motivos internos e externos pelos quais os adolescentes fazem uso de drogas. Em relação à escolha da substância o Sujeito 2, e 3 afirmam que tiveram o conhecimento sobre a maconha e seu primeiro contato com ela através dos amigos como relatado aqui pelo Sujeito 2: *“Eu comecei a usar maconha por que meus amigos me ofereceram, e porque gosto de fazer experimentações de coisas diferente”*. O Sujeito 3 acrescenta: *“Eu tinha medo de experimentar essas drogas ilícitas, mas dai um amigo meu me ofereceu, me disse que era bom e vários amigos meus usavam, eu já não era mais adolescente, resolvi provar...”*

Estudos feitos por Rebello, Monteiro e Vargas (2001) indicam que um dos principais motivos pelos quais os jovens fazem uso de drogas é a “curiosidade”, e posteriormente porque os amigos fazem a utilização da mesma. Já para Figueiredo (2005) o modismo, o sentimento de pertencer a determinado grupo, a convivência com pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas assim como o simples acesso a ela, seriam os motivos pelos quais o sujeito é conduzido a drogar-se. Para Zagury (1996) o adolescente inicia o uso de substâncias psicoativas por vários motivos, contudo esses são relacionados a seu meio social (amigos, família, escola...) e a subjetividade do mesmo quanto individuo.

Porem o Sujeito 1 alega que passou a fazer uso de maconha para fugir da realidade

conforme descrito: *“Na época eu tinha terminado com uma namoradinha e estava desiludido, e uns amigos que usavam maconha há mais tempo me ofereceram e eu usei para tentar esquecer o meu sofrimento...”*. De acordo com um estudo realizado por Pereira (2002) junto a universitários de Pernambuco, foi identificado que os motivos pelos quais eles fizeram seu primeiro uso de maconha, 0,9% afirmaram ser para esquecer os seus problemas, contudo 7,5% dizem que utilizaram a substância porque os amigos influenciaram e 80,2% dizem que quiseram provar maconha por curiosidade.

Para o Sujeito 4 ele optou por usar maconha pelo fácil acesso e por revolta *“A maconha foi escolhida porque foi à primeira droga ilícita que eu tive acesso, acho que talvez comecei o uso por motivo de revolta ... ano anterior tinha sido muito difícil, depois que comecei a usar e me identifiquei muito com o uso...”*. Patton (1995) afirma que, o livre acesso e a presença de drogas em nosso meio social, tem sido observados como, modos facilitadores para que o adolescente inicie o uso da mesma.

Em relação ao porque utiliza essa substância hoje, no caso dos nossos participantes a maconha, o Sujeito 1 e 2 não souberam responder. Já o Sujeito 3 nos relata: *“... É uma droga social e continuei usando por escolha própria, e claro pela dependência”*. O Sujeito 4 também contribui: *“Hoje eu utilizo pela dependência física e psíquica de ter o horário de fumar e também por gostar do efeito e do movimento que ela dá”*.

### **Categoria 3: Utilização de drogas pelos progenitores**

Nesta sessão buscou-se investigar a respeito do uso/abuso de substâncias lícitas e ilícitas pelos pais dos participantes da pesquisa, o Sujeito 1 nos relata a respeito desse assunto: *“Meus pais sempre beberam, mas não sei se usaram mais algum tipo de drogas... os dois tomam remédios tarja preta... eles não fazem acompanhamento com o psiquiatra...”*. O Sujeito 2 também presta sua contribuição: *“Meu pai era alcoólatra desde sempre eu acho... também tomava um monte de remédio quando fazia tratamento para o alcoolismo... minha mãe toma uma cervejinha às vezes”*.

Para Guimarães e Hochgraf, et al (2009) quando alguém da família ou os próprios pais fazem uso de algum tipo de droga abre-se grandes possibilidades para que os adolescentes tornem-se dependentes de drogas também. Kilpatrick (2000) afirma que quando os pais fazem uso de algum tipo de substância lícita ou ilícita este serve de parâmetro para os jovens, e ali ocorrem as experimentações e o primeiro contato com o álcool e outras substâncias.

Segundo relato do Sujeito 3: *“Meu pai era alcoólatra... na minha casa todos bebem meus pais, meus irmãos e todos fumaram cigarro, meus pais e alguns dos meus irmãos não fumam mais, mas bebem ainda, socialmente”*. Guimarães, et al (2009) acrescenta que pesquisas comprovam que além da a influencia dos pais quanto aos uso de drogas há também a influencia de irmãos nos casos relacionados a uso/abuso de substâncias psicoativas.

O Sujeito 4 também discorre a esse respeito: *“Meu pai bebia todos os dias, mas não chegava a ficar embriagado, minha mãe também bebia, e os dois fumavam”*. De acordo com Schenker e Minayo (2004) a família atua como coparticipante na vida do adolescente ao que se refere à iniciação do uso de drogas e também quanto aos cuidados relacionados à saúde dos mesmos.

#### **Categoria 4: Contribuição social na construção do sujeito e conhecimento sobre políticas públicas**

Aqui os entrevistados foram questionados em relação à contribuição do Estado e município quanto a esporte, lazer, cultura e artes, ofertadas a estes quando optaram pelo uso de substâncias psicoativas, contudo os indivíduos constatam que os mesmos não tinham acesso a esses benefícios ou não tinham conhecimento sobre o mesmo, conforme relatado pelo Sujeito 1 quanto a essa temática: *“Não lembro de ter ofertar de esporte, lazer e cultura quando eu era mais novo, tinha um Sesc próximo a minha casa, mas não ofereciam essas coisas se quisesse fazer alguma coisa precisa pagar”*. O Sujeito 3 também contribui: *“No local onde eu morava não era proporcionada nada relacionado a artes, musicas, esporte ou cultura fornecido pelo estado ou município, se tinha também não era divulgado, o acesso a informação era escasso, acho que se eu tivesse essas oportunidades minhas vivencias enquanto ser social seriam mais ricas, gosto de musica e artes mas não sei fazer nada relacionado a isso, nunca tive oportunidade de aprender e minha família era muito pobre não tinha condições de pagar essas coisas”*.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA- 1990), é um direito da criança e do adolescente a assistência integral, tanto por parte da família, quanto da comunidade, ou seja, da sociedade como um todo, assim também como do Poder Publico que deve garantir total preferencia a concretização de ações relacionadas a vida, saúde, educação, esporte, alimentação, ao lazer e cursos de profissionalização assim como a cultura, respeito e dignidade e a liberdade de poder conviver com sua família.

Para Costa et al, ( 2012)em uma pesquisa feita com drogaditos, ficou clara a importância das atividades de lazer assim como o ingresso em cursos profissionalizantes para que o jovem se mantenha longe das drogas, o autor acrescenta ainda que onde esses jovens pesquisados moravam também não havia essas opções, e ainda, que o trabalho, o esporte, o lazer foram citados pela rede de apoio desses jovens como formas preventivas a drogadição pois partir destes o adolescente é confrontado com vivencias mais oportunas no que se refere a questão econômica social e expectativas futuras.

O Sujeito 2 afirma que teve oportunidades a essas vivencias, porem foram fornecidas pelos pais: *“Quando eu era menor, sempre fiz esporte, nadei, andei de bicicleta, mas essas coisas eram todas pagas, se minha família não tivesse condições de pagar eu não teria feito nada disso, meus colegas não faziam, acho que não tinha nada que fosse de graça para quem não tinha condições”*. Assim como o Sujeito 4, que apesar de ter acesso a essas oportunidades nunca houve incentivo de seu meio social para pratica do mesmo: *“Enquanto a esporte e lazer, tínhamos o titulo de um clube e eu fazia esportes, mas na escola não tinha nada diferenciado que me ofereciam, nem no bairro e nem na cidade, era só o clube, não tive nem um incentivo a cultura, nem vindo da escola e nem da sociedade ou da família”*.

Em um estudo feito por Reis, Hungaro e Oliveira (2015) a moradores de uma comunidade onde se sobressai a presença de drogas, foram questionados sobre o que seria necessário para, diminuir o uso de substâncias psicoativas e extinguir a violência, apesar de 55,3% afirmarem que se houvesse mais policiamento na rua essa questão seria organizada, 35,7% dos entrevistados afirmaram que se as questões sócias ligadas a campanhas para conscientização, assim como mais oportunidade de diversão, lazer e trabalho seria a solução para a problemática.

Cordeiro et al, (2014) em um trabalho com agentes comunitários os mesmos garantiram que as praticas relacionadas a educação inibiria o contato com as drogas sob uma perspectiva social, seria as mais adequadas, acrescenta ainda que os mesmo criticaram o Estado pois se este implantasse mais projetos que atraíssem e despertasse o interesse dos jovens atuaria de forma mais eficaz através de oficinas, jogos, filmes, teatro, musica e espaços para lazer, cursos profissionalizantes e oportunidade de emprego.

Quanto ao conhecimento sobre políticas públicas relacionadas à drogadição o Sujeito 1 e 2 afirmaram não ter nenhum conhecimento. Em relação a essa temática o Sujeito 3 presta sua contribuição: *“Tenho conhecimento sobre algumas politicas relacionadas a drogas, mas não sei se funcionam muito bem, sei que o SUS precisa atender os dependentes que chegam lá e dar o suporte inicial, mas sei que quando chega alguém lá que esta embriagado ou sob o*

*efeito de outras drogas, eles nem querem cuidar, como se isso fosse uma escolha da pessoa estar naquelas condições... sei que existe políticas, mas sinceramente não creio que dão o suporte devido”.*

Para Raupp e Sapiro (2009) os cuidados referentes a jovens com envolvimento com drogas é uma grande problemática devido à falta de ambientes e profissionais adequados e qualificados para atender a esse público em específico, pois esses locais fazem o atendimento ao público em geral e não diretamente voltado aos adolescentes, ou seja, esses locais deveriam ter se atualizado a estes segundo orientações das políticas públicas. Ainda de acordo com esses autores dois, dos três locais onde realizam a sua pesquisa tinham como programa de trabalho a abstinência total as substância, ou seja, uma posição contrária a de nossas políticas públicas.

O Sujeito 4 também relata suas vivências: *“Tenho sim conhecimento sobre políticas públicas relacionadas a drogas, sei que tem o disk pare de fumar, mas acho que não funcionam, pois é uma máquina que fica falando com a gente, sei que tem o CAPS AD, mas sei que só recebem dependentes químicos de drogas mais pesadas, sei que as universidades oferecem atendimentos relacionadas a isso, mas sempre em um campo restrito do social e sem divulgação, não há campanhas que abrangem o todo ou a prevenção, e não época que comecei a usar não tinha conhecimento de nada”.*

De acordo com o Ministério da Saúde (2004) quando as ações relacionadas a políticas públicas realmente se envolverem com atenção, prevenção e tratamento partindo de um ponto de vista que busque integrar o drogadito na sociedade de forma autônoma, as consternações relacionadas a problemática de uso/abuso de drogas irão diminuir continuamente. Laranjeira (2010) afirma que estudos mostram que nossa sociedade já tem consciência deste assunto e se mobiliza quando se trata do consumo abusivo de drogas, porém em um estudo feito pelo autor em uma comunidade identificou que na mesma não havia ações vinculadas a políticas públicas que buscassem o combate e a prevenção da drogadição, também não havia divulgação das mesmas e o envolvimento da comunidade nestas questões era quase nula.

### **Categoria 5: Questões relacionadas à família**

Nesta última categoria será analisada questões relacionadas à família do usuário de drogas quando este inicia o uso, para tanto os mesmos foram questionadas quando o relacionamento dos pais, a imposição de regras em casa e o ponto de vista dos mesmos em relação ao papel que os pais desempenhavam. Quanto a relação dos pais o Sujeito 1 nos presta

sua contribuição: *“A relação dos meus pais era boa, acho que era normal, eles não brigavam, mas também não se davam carinho, essas coisas de se beijar e de abraçar, ...a mãe sempre cuidava das coisas em casa e ele das coisas fora de casa, era o provedor da família”*. O Sujeito 2 acrescenta: *“Meus pais sempre brigaram muito, meu pai vivia ameaçando a minha mãe, colocando arma na cara dela, ele sempre bebeu muito”*.

Schmidt et al, (1996) destaca a importância de trabalhos relacionados a família para que o indivíduo consiga diminuir o consumo abusivo de drogas, com uma vida social saudável, mas que essa mudança só irá ocorrer se houver mudanças no sistema familiar. Segundo este autor é fundamental o modo com que os pais criam seus filhos da infância até a adolescência para construção do mesmo enquanto indivíduo, pois as famílias onde se manifestam desordem, má administração, educação omissa, pais que não olham e acompanham os filhos, pais irritados que repreendem em demasia podem ocasionar em uso/abuso de drogas por parte dos filhos.

Bahr, Hoffmann e Yang (2005) acrescentam que pela falta de apoio familiar, o uso/abuso de drogas por estes, assim como a permissão ou inaptidão dos pais de controlar os filhos ou o uso de substâncias por parte destes, são fatos que podem resultar no uso ou permanência do uso de drogas por parte dos filhos.

Paiva e Ronzani (2009) alegam que por muito tempo além da família os grupos de amigos foram investigados na busca de compreensão sobre o uso de drogas, pois o grupo de amigos foi colocado como primórdio ao uso/abuso de drogas há muito tempo, porém estudos mais atualizados indicam que a forma com que a família se relaciona é muito mais determinante a essas questões. O Sujeito 4 também relata a respeito de suas vivências: *“A relação dos meus pais era boa, com carinho demonstração de afeto mas percebia-se que o pai saía sozinho sem a mãe as vezes, não havia grandes discussões e nem grandes brigas”*.

De acordo com o Sujeito 3 a relação de seus pais também não era satisfatória: *“A relação dos meus pais às vezes era boa, meu pai viajava, passava muito tempo fora e não mandava notícias... quando ele voltava fazia exigências absurdas e não trazia dinheiro e isso gerava sempre muitas brigas em casa, era muito ruim quando ele vinha e começavam as brigas até que eles se separaram”*. Para Gervais (1994), quando o adolescente encontra-se em dificuldade é natural observar que em sua família a uma disfunção nas relações quanto ao afeto e que esse mal estar é indiferente à classe econômica e social, mas está relacionada principalmente a relação entre pais e filhos e sua falta de comunicação.

Os entrevistados também foram questionados como estes percebiam os papéis dos pais quando iniciaram o uso de drogas, o Sujeito 1 relata sua experiência: *“Minha mãe sempre foi*

*cuidadosa e carinhosa, eu tinha uma irmã com algumas ... eu não entendia por que a minha mãe dava mais atenção para ela, isso me revoltava, mas hoje eu entendo... meu pai nunca foi de dar carinho e atenção, minha família é matriarcal, quem mandava em casa era minha mãe, mas acho que meu pai sempre se preocupou do jeito dele, levando o sustento para família...”. O Sujeito 3 também relata sua experiência em relação a este assunto: “Minha mãe sempre trabalhou muito...era extremamente exigente e autoritária, mas era afetuosa, carinhosa, gostava muito de conversar do jeito simples e humilde dela, era otimista, e também submissa, ficou presa em uma relação que não trazia felicidade por muito tempo por insegurança de cuidar dos filhos sozinha, coisa que sempre fez. Meu pai sempre foi ausente, não consigo me recordar muita coisa dele, as vezes ele era querido”.*

Masterson (1975) descreve que o pai do drogadito em alguns casos são homens apáticos, e distantes de suas companheiras, e que estes abrem mão de seu papel enquanto pai para ganhar sua liberdade e se abster do laborioso trabalho paternal. Em relação ao papel da mãe o autor descreve que estas são rigorosas e autoritárias mantendo fortes relações simbióticas, (intima) a seus filhos, e que esta não reclama do distanciamento do marido desde que possa ter autoridade total sobre a vida do filho.

O Sujeito 2 também descreve seu olhar a relação dos sobre os pais: “Meu pai sempre me deu muito medo... minha mãe também tinha medo dele... nunca entendi como ela aceitava ficar naquela situação, com o cara bebendo e ameaçando ela o tempo todo... minha mãe sempre foi mais carinhosa e afetuosa mas sempre submissa a ele”. Diferente do que nos relata o Sujeito 4: “A mãe sempre foi mais carinhosa, mais afetuosa, mas me cobrava responsabilidades em casa, na escola, e eu trabalhava fora de casa... o pai era mais duro nas cobranças era mais exigente, e me cobrava muito pelas minhas escolhas, religião, amigos, musicas...”.

Em um estudo feito por Garcia, Pilon e Santos (2011) a adolescentes que faziam uso de drogas identificou-se que mais de 50% dos jovens pesquisados residem com ambos os pais, contudo a relação de confiança com o pai é muito limitada, o que inibi a comunicação e a demonstração de sentimentos dos jovens a estes, não suprimindo as necessidades afetivas dos adolescentes.

Quanto as regras dentro de casa o Sujeito 1 informa que não existia regras: “Não tinha regras em casa, não lembro o que acontecia se eu quebrasse alguma regra”. Assim como informado pelo Sujeito 2: “Não tinha regras dentro de casa, sempre fiz o que eu quis, e sempre tive tudo o que eu queria”. Contrario ao que relata o Sujeito 3: “As regras sempre precisavam ser seguidas, se não fossem seguidas a gente apanhava...”. O relato do Sujeito 4

também demonstra a imposição de regras dentro de casa: *“Quanto alguma ordem era quebrada recebia punições e sempre precisava ser cumprido, as vezes não acontecia nada.”*

Segundo Paiva e Ronzani (2009) os jovens que possuem em seu lar apoio e compreensão, podem até fazer uso de drogas, contudo esta será de forma mais moderada, os autores ainda acrescentam que o cuidado, a atenção, a disposição de um tempo de qualidade para compartilhar com os filhos por parte dos pais, assim como as regras e disciplina podem fazer com que o adolescente opte pelo não uso de drogas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ainda que o uso de drogas esteja presente nas vivências dos seres humanos a centenas de anos, ainda a muito a se estudar sobre o assunto. Neste estudo verificou-se que todos os participantes da pesquisa realizada tinham em seus pais suas fontes de inspiração em relação ao uso de drogas, pois os genitores de todos faziam uso de bebida alcoólica, entre outras, com frequência, substância pela qual os mesmos iniciaram o uso de drogas, seguido pelo cigarro e posteriormente maconha, do qual são dependentes hoje fazendo uso diário da substância, contudo não se pode generalizar, quanto a forma de iniciação ao uso pois a amostra era pequena para que haja tal afirmação.

Como vários estudos já afirmaram anteriormente fica clara a contribuição dos amigos quanto ao uso de drogas, mas nem sempre no sentido de instigar o uso, mas sim da proximidade que o sujeito tem com a droga e a facilidade de conseguir a mesma. Em relação ao início do uso os motivos são variados, curiosidade, amigos, para fugir do real, para transgredir. Porém estes são motivos conscientes, pois através de estudos feitos pela psicologia sabe-se que o início do uso de droga parte de um sintoma que o indivíduo encontra para demonstrar que seu sistema relacional não está bem. Quanto à substância escolhida, neste caso a maconha, verificamos que a mesma é eleita por ser de fácil acesso, pelo menos para os participantes dessa pesquisa.

Quanto à contribuição da sociedade na construção do sujeito, enquanto ser socialmente ativo, no sentido de contribuir para que o mesmo se desenvolva, aprenda, construa, através do estudo, da profissionalização, da arte, lazer, esporte, música e cultura. Fica claro que a oferta pode até existir, contudo não é divulgada, ou se houve a divulgação não foi feita de forma a que todos tivessem acesso. Já conhecimento sobre políticas públicas relacionadas à drogadição metade da amostra diz ter conhecimento sobre o assunto, mas que ambos nunca buscaram auxílio destas, os demais afirmam não ter nenhum conhecimento sobre o assunto, abrindo a hipótese de que essas políticas apesar de implantadas não estão atingido todo seu público alvo.

Por fim, sobre o relacionamento dos pais, verificou-se em alguns casos uma boa convivência familiar, outros um lar com brigas, ameaça. Em quase todos os casos, a figura paterna apresenta-se como provedor, às vezes agressivos. A mãe na maioria dos casos é vista como afetuosa, carinhosa, contudo submissa ao marido, ao casamento, a suas vivências. Quanto às regras 50% dos entrevistados afirmaram que não existiam regras em casa, quanto à

outra metade afirmaram ter regras, rígidas, ou não. Porém vários estudos na área da psicologia demonstram a importância das regras para que o sujeito cresça e se desenvolva de forma saudável socialmente e psicologicamente.

Não há como comprovar a veracidade do estudo por sua amostra contar com um número muito pequeno de participantes, contudo fica claro que o uso/abuso de drogas não é uma doença que o sujeito contraiu, mas sim um sintoma, uma resposta, ao lar que esta em desordem, aos pais que brigam, aos amigos que des-cuidam uns dos outros, ao estado e município que não contribui de forma efetiva, ao sujeito que é curioso e que fugir da realidade, a substância por sua existência. Ou seja, o sujeito que desenvolve o sintoma da drogadição não é algo intrínseco, mas sim o encontro deste com suas vivências e sua forma subjetiva de olhar o mundo, do social, partindo da família a primeira sociedade que o sujeito tem acesso, seguido pela comunidade, cidade... e por fim a substância que no encontro com o sujeito vai despertar curiosidade, experimentação, uso, abuso. O sujeito tornasse adicto por sua subjetividade, com a contribuição do social e da substância. Todos são corresponsáveis pela drogadição.

## 7.REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ALVES, V. S. Modelos de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas: discursos políticos, saberes e práticas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 2309-2319, nov. 2009.

ANDRADE, T. M. Reflexões sobre Políticas de Drogas no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n12/15.pdf>> Acesso em: 11 nov. 2015.

BAUER, M. W. Gaskel (org). *Pesquisa qualitativa com Texto imagem e som: um manual prático*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BAHR, S. J; HOFFMANN, J. P; YANG, X. (2005). Parental and peer influences on the risk of adolescent drug use. **The Journal of Primary Prevention**, n. 26. p. 529-551.

BAUMKARTEN,S. **Os significados da drogradição na adolescência**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006.

BRASIL. **Política nacional sobre drogas**. 2005. Disponível em: <[www.senad.gov.br](http://www.senad.gov.br)> Acesso em: 4 nov. 2015.

BUCHER, Richard. **Drogas e drogradição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CORDEIRO, L. et al. **Avaliação de processo educativo sobre consumo prejudicial de drogas com agentes comunitários de saúde**. São Paulo: Saúde Social, p.897-907, 2014.

COSTA, A. G. et al. Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n° 22. p.803-819, 2012

DUARTE, C. E.; MORIHISA, R. S. *Experimentação, Uso, Abuso e Dependência de Drogas. Prevenção do uso de drogas: Capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias* / Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas- 5. ed- Brasília: SENAD, 2013. p. 45-54.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – ECA. Lei Federal no 8069/90, de 13/07/1990. **Do Direito à Vida e à Saúde, Título II, Cap. I, art. 7o**, p. 15. Ministério da Saúde, 1990.

FIGUEIREDO, N.M.A. **Ensinar a Cuidar em Saúde Pública**. São Caetano do Sul, (SP): Yendis Editora; 2005.

GALDURÓZ, J. C. F. *Uso, Abuso e Dependência de Drogas*In: SILVIA, Eroy A; MICHELI, D (orgs) **Adolescência Uso e Abuso de Drogas: Uma Visão Integrativa**. São Paulo, Fap - Unifesp, 2011, p 93 - 100.

GARCIA, J.J; PILLON, S.C.; SANTOS, M.A. Relações entre contexto familiar e uso de drogas em adolescentes de ensino médio. **Rev. Latino-Americana de Enfermagem**, 2011, vol.19. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692011000700013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000700013)> Acesso em: 26 nov.2015.

GERVAIS, Y. **La prévention destoxicomanies chez les adolescentes**. Paris: L’Harmattan, 1994. 217p.

GUIMARÃES, B. P. et al. Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. **Revista Psiquiatria Clínica**, 2009. p.69-74. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v36n2/05.pdf>>Acesso em: 23 nov 2015.

JUSTINO, N. **Uso de Drogas na adolescência e seus impactos no âmbito familiar**. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/sociologia/uso-drogas-na-adolescencia-seus-impactos-no-ambito-.htm>>acesso em: 5 out 2015.

JUNGERMAN, F. S; LARANJEIRA, R. e BRESSAN, R. A. Maconha: qual a amplitude de seus prejuízos?. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 2005, vol.27, p. 5-6.

KALINA, E. KORIN, E (orgs). A família do drogadito. In: **Drogadição: Indivíduo, família e sociedade**. Livraria Francisco Alves S/A, 1976.

KILPATRICK, D.G; et al. Risk factors for adolescent substance abuse and dependence: data from a national sample. **J Consult ClinPsychol**. 2000; p.19-30.

LARANJEIRA, R. **Legalização de drogas e a saúde pública**. *Ciência e Saúde Coletiva* 2010 Mai; n. 15. p. 621-31.

LIPP, M. N. Prevenção primária ao uso de tóxicos. O papel do professor. **Revista da Universidade de São Francisco**. Bragança Paulista. São Paulo. 1986.

MAGER, M.; SILVESTRE, E. *Mitos e Verdades sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente*. In: PINSKY, L.; BESSA, M.A. (orgs.). **Adolescência e Drogas**. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 79-91.

MAXIMILIANO, V.; PAIVA, L. Os Instrumentos legais e as políticas sobre drogas no Brasil. **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias/ Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas**. 6. Ed. Brasília, DF: SENAD, 2014. p. 211-224.

MASTERSON, J. F. **Tratamiento del adolescente fronterizo**, p.66, Ed. Paidós, Buenos Aires, 1975.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília (DF); 2004.

NOWLIS, H. **La drogue demythifié**. 3. ed. Paris: Unesco, 1987. p 99.

OLIEVENSTEIN, C. **A droga e toxicomania**. São Paulo, brasiliense, 1988.

PAIVA CC. *Motivações para uso de drogas*. In: Bucher R, (org). **As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial**. CORDATO - Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômanos. São Paulo: EPU; 1988.

PAIVA, F. S.; RONZANI, T. M. Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: Revisão Sistêmica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, p. 177-183, jan./mar. 2009.

PATTON, L.H. **Adolescent substance abuse**. Risk factors and protective factors. *Pediatric Clinics of North America*. p.283-293. 1995.

PEREIRA, R. C. *O consumo de drogas entre universitários da UFRPE*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 2002.

PICCOLO, F. D.; LEAL, A. F. *Aspectos Socioculturais do Uso de Substâncias Psicoativas na Juventude*. In: SILVIA, Eroy, A. (org) **Adolescência Uso e Abuso de Drogas: Uma Visão Integrativa**. São Paulo, Fap - Unifesp, 2011, p183 - 207.

PINHO, P. H.; OLIVEIRA, M. A. de; ALMEIDA, M. M. de. A reabilitação psicossocial na atenção aos transtornos associados ao consumo de álcool e outras drogas: uma estratégia possível? **Revista Psiquiátrica Clínica**. São Paulo. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832008000700017>> Acesso em: 17 nov 2015.

PRATTA, E; SANTOS, M.A. O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Abr-Jun 2009, p. 203-211

RAUPP, L.; SAPIRO,C.M. **Adolescência, drogadição e políticas públicas: recortes no contemporâneo**. Campinas, Estudos de Psicologia, 2009, pp 445-454 outubro - dezembro 2009 n. 26 Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n4/05.pdf>>Acesso em: 20 nov 2015.

REBELLO, S.; MONTEIRO, S.; VARGAS, E.P. A visão de escolares sobre drogas no uso de um jogo educativo. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**. p.75-88. 2001.

RÊGO, M. A difícil e vitoriosa batalha contra as drogas. **Ciência e Profissão- Diálogos**. 2006, n.4. Disponível em: <[www.pol.org.br](http://www.pol.org.br)> Acesso em: 12 nov 2015.

REIS, L.M.; HUNGARO, A.A.; OLIVEIRA, M.L.F. Políticas públicas para o enfrentamento do uso de drogas de abuso: percepção social em uma comunidade. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2014 Out-Dez; nº 23 p. 1050- 1058. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072014002620013>> acesso em: 20 nov 2015.

SEIBEL, S. D.; TOSCANO JR. Conceitos básicos e Classificação Geral das Substancias Psicoativas. In: **Dependência de drogas**. São Paulo, Atheneu, p.1- 6. 2000.

SERRAT, S. M. **As Relações Interpessoais nas Famílias de Farmacodependentes**. Campinas. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifica Universidade Católica de Campinas. 1984.

SILVA, V. A.; MATTOS, H. F. *Os jovens são mais vulneráveis as drogas?* In: Pinsky, I.; Bessa, M. A. (Eds.). **Adolescência e drogas**. São Paulo, Contexto, 2004, pp. 31-44.

SILVEIRA, D. X. ; DOERING-SILVEIRA, E. Padrões de Uso.Classificação das substancias psicoativas e seus efeitos. **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias / Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas Publicas sobre Drogas. – 6. Ed.- Brasília, DF: SENAD-MJ/ NUTE-UFSC, 2014. p. 87-103, 69-85.**

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. **Caderno de Saúde Pública**. 2004. p.649-59.

SCHMIDT, S.E.; LIDDLE, H.A.; DAKOF, G. A. Changes in parenting practices and adolescent drug abuse during multidimensional family therapy. **Journal of Family Psychology** n.10 p.12-27. 1996.

TOSCANO A. J. R. *Um breve histórico sobre o uso de drogas*. In: Seibel S. D. (org.) **Dependência de drogas**. São Paulo. Atheneu, 2000. p 7 – 23.

TRIVIÑOS, A. N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

WAGNER, M. F.; OLIVEIRA, M. S. **Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes.** *Psicologia Clinica*, RIO DE JANEIRO, VOL.19, p.101 – 116. 2007.

VELHO, G. *Drogas e Construção Social da Realidade.* In: BAPTISTA, M.; (org) **Toxicomanias: Abordagem Multidisciplinar.** Rio de Janeiro, Nepad/Uerj/Sette Letras, 1997. p.9- 13.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo.** Rio de Janeiro: Record; Ed. 16°. 1996.

## APENDICE I



*Universidade Aberta do Brasil e*

*Universidade Federal de Santa Maria*

Pós Graduação em Gestão Pública.

Polo Tio Hugo. Bairro Loro – Rua: Lourenço Gaspar da Silva- S/N

Fone (54) 33389220. CEP 993450-000. Tio Hugo/ RS

---

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa sobre “Um olhar das Políticas Públicas e Psicologia sobre a drogadição: Responsabilidade do ser do social ou da substância.” de responsabilidade da pesquisadora Milene Maria Barbosa de Araújo.

Esta pesquisa justifica-se devido a obter uma melhor compreensão a respeito da responsabilização em relação ao uso de drogas, desmistificar o usuário como único responsável buscando também qual foi a participação da família e do social em relação ao uso/ abuso de drogas.

Se for identificado algum sinal de desconforto psicológico da sua participação na pesquisa a pesquisadora compromete-se em orientá-lo (a) e encaminhá-lo (a) para profissionais especializados na área de Psicologia.

Os colaboradores da pesquisa serão beneficiados com a divulgação do trabalho exercido e ainda pouco conhecido, além de participar da construção de mais um material bibliográfico adaptado a sua realidade, ainda poderão analisar suas percepções e vivências no corpo deste trabalho.

Pelo presente Consentimento livre e esclarecido você declara que foi informado (a), de forma clara e detalhado, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa onde:

- Você terá a garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, podendo ter acesso aos dados em qualquer etapa da pesquisa;
- Sua participação nessa pesquisa não é obrigatória você pode desistir em qualquer momento retirando seu consentimento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo;
- Caso tenha alguma despesa relacionada à pesquisa você terá o direito de ser ressarcido (a) e você não receberá pagamento pela sua participação nessa pesquisa.
- As informações serão gravadas e posteriormente destruídas. Os dados relacionados à sua identificação não serão divulgados.
- Os resultados da pesquisa serão divulgados no trabalho de Conclusão de curso sobre “Um olhar das Políticas Públicas e Psicologia sobre a drogadição: Responsabilidade do ser do social ou da substância.”, mas você terá a garantia de sigilo e da confiabilidade dos dados divulgados.

Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento da pesquisadora ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considere prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com a pesquisadora Milene Maria Barbosa de Araujo pelo telefone (54) 9181-9936, com o curso de Gestão Pública pelo telefone (55) 91490428 ou ainda com o professor orientador, Roberto da Luz Junior, pelo telefone (55) 91315452.

Dessa forma, concordo em participar da pesquisa de acordo com as explicações e orientações acima. Desde já agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua autorização, que será assinada em duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Nome do (a) Participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome da Pesquisadora: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## APENDICE II

### QUESTIONÁRIO:

1- Que tipo de substancia utiliza? Há quanto tempo utiliza e de que formas de uso faz da mesma, uso, abuso, dependência?

2- O que te levou a fazer uso de drogas? E porque optou por essa substância?

3- Nesta fase da vida o que a comunidade e o social lhe proporcionavam em questão de esporte, lazer, artes?

Se não proporcionavam, gostaria que lhe fosse proporcionado? Por quê?

Se proporcionavam, como eram essas vivencias?

4- Os pais ou alguém da família faz uso de algum tipo de droga licita ou ilícita, medicamento?

5- Como estava a situação de seus pais quanto casal nesta época? Que funções cada um deles desempenhava? Como era a questão de regras?